

Conselho Plenário da Ordem

Apresentação do Documento Final do Capítulo das Esteiras

8 de junho de 2025

Estimado Frei Massimo e estimados irmãos,
A paz esteja com vocês!

Meu coração está cheio de alegria, assim como de profunda gratidão pela confiança e pela oportunidade que me foi dada de acompanhar e seguir todo o caminho do Capítulo das Esteiras: o que recebi certamente foi muito mais intenso do que aquilo que pude oferecer e dar.

Que o Espírito Santo os ilumine, que lhes conceda uma "energia" renovada e fresca para este caminho de assembleia que vocês estão iniciando. Que os próximos dias sejam, na continuidade do que vivemos juntos, um exercício de escuta sincera, de diálogo construtivo, de revisão e discernimento sobre os passos necessários para a Ordem, assim como dias para saborear a fraternidade recíproca — aquela que está inscrita no dom de amor entregue pelo Espírito a Francisco: a Boa Notícia de que todos somos filhos de um Pai bom e misericordioso. Uma boa nova que nos atraiu e continua a atrair irmãos e irmãs de todo o mundo.

O dom da fraternidade recíproca, que também experimento em muitas ocasiões e que, nestes dias, foi enriquecido pela alegria de conhecer tantos rostos e nomes novos, cresce com o sentimento de pertença — é um presente maravilhoso!

Para conciliar a riqueza e as intuições do Capítulo das Esteiras com o Conselho Plenário da Ordem, pareceu-me oportuno, dialogando nestes dias com a Comissão que redigiu o texto final e com os que se ocuparam das dinâmicas de participação, concentrar-me brevemente em algumas **palavras-chave** que caracterizam o Documento Final do Capítulo das Esteiras, junto a **alguns elementos de reflexão e percepções vividas**, tanto no compartilhamento formal quanto no informal.

Trata-se, portanto, de uma simples restituição daquilo que foi produzido até agora, de um texto construído — de maneira singular e até surpreendente — a partir da escuta e da participação ativa de uma pequena porção do povo de Deus, com vozes vindas de todos os cantos da terra, diferentes formas de vida cristã, respostas vocacionais, profissionais e ministeriais variadas. Um documento, conteúdos, sugestões e ações oferecidas, primeiramente, à **Ordem dos Frades Menores**, mas que esperamos sejam acolhidos — “por contágio” — também pelas **irmãs e irmãos da família franciscana**, pelas instituições que a compõem e até por crentes que apenas simpatizam com o espírito que brotou de Francisco de Assis. Como nos recordou Frei Matteo Giuliani, essas palavras também podem ser dirigidas a **todos os homens e mulheres de boa vontade** que saibam valorizá-las.

Abertura ao Espírito

O Documento se abre com uma certeza muito clara: o ponto de partida e o primeiro protagonista do caminho é o **Espírito Santo**. O tempo litúrgico e a solenidade que celebramos hoje parecem selar essa certeza. É Ele quem deu origem à forma de vida franciscana; **somente Ele pode vivificá-la, renová-la e abrir novos horizontes!**

É a Ele que devemos "buscar" se quisermos reacender em nós e na Ordem **a paixão pelo carisma, a alegria da fraternidade, a ousadia da missão.**

Portanto, precisamos de plena docilidade à sua ação, com a consciência atenta de que isso **não significa passividade ou resignação**. Como Irmã religiosa franciscana, sinto-me livre e feliz para dizer que essa consciência — de que docilidade ao Espírito não é imobilismo — está presente em muitos sinais de vida. Vimos muitas pequenas sementes semeadas com paciência onde tudo parecia estéril ou morto. Percebe-se claramente a vontade de ousar novos caminhos para testemunhar o Evangelho, mesmo em lugares muito secularizados e áridos. Caminhos já trilhados são reconhecidos, indo além das aparências negativas do presente.

Há muito de positivo nos relatos e nas imagens que ouvimos e vimos nestes dias: criatividade e dinamismo missionário em tantos países do mundo, desejo de anunciar Cristo com linguagens próximas à juventude, proximidade e solidariedade com os mais pobres, sinais de esperança na decisão de tantos irmãos e irmãs que hoje respondem ao chamado para seguir Jesus. **Não devemos nos acostumar com essas maravilhas do Espírito**, que é “dom do alto”, que “desce sobre os crentes”, que “se encarna e se manifesta na vida ordinária” (n. 1) e que atua em nós **impulsionando para o bem**.

Nas expressões do Documento, o Espírito é também chamado de “animador” (n. 1), “motor” (n. 40) e “voz” que guia (n. 8). Isso nos recorda o pensamento de Francisco de Assis, que concebia o Espírito como a força inspiradora à qual se deve **dar espaço com radicalidade** na vida pessoal, fraterna e na Ordem como um todo.

- A **exortação urgente** que brota dessa palavra-chave está claramente no ponto 3 do Documento: **criar as condições** para que, neste tempo que nos dispersa, nesta realidade saturada de vozes, **o Espírito de Cristo possa habitar em cada irmão da Ordem**, em cada um de vocês (cf. n. 3; cf. também Jo 14,23 — tão caro a Francisco: “Se alguém me ama, guardará minha palavra, meu Pai o amará, e viremos a ele e faremos nele nossa morada”).
- Para que a vida no Espírito tenha qualidade, é necessário, como propõe o Documento, **recuperar a si mesmo**, fazer **penitência** autêntica. Ele fala de: “desacelerar o tempo”, “habitar o silêncio interior”, “silenciar palavras e vozes dominantes”, “jejuar das mídias sociais” (n. 3).
- Outra observação: a ação criadora do Espírito encontra **na escuta e no discernimento comunitário** duas condições essenciais — atitudes interiores e métodos — para superar um problema frequentemente levantado nas mesas de trabalho: o individualismo e a autorreferencialidade.

Escuta

O destaque proposto pelo Documento segue uma **dupla direção**:

- O Espírito nos capacita a sermos **filhos**: Ele nos coloca na condição de escuta adequada para termos a capacidade de acolher e discernir a vontade de Deus.
- Mas, também segundo o Documento Final, é obra do Espírito a criação das condições necessárias para **nos escutarmos mutuamente**: «a expropriação de nós mesmos e a capacidade de nos colocarmos numa atitude de humilde disponibilidade (critério da minoridade)» (n. 8).

A decisão de celebrar este Capítulo das Esteiras, inclusive nas etapas vividas em diversas Entidades, ampliando o "espaço da tenda" aos irmãos e irmãs na fé, na evangelização e na comunhão, nos testemunha que é **próprio da Ordem dos Frades Menores** motivar e dispor-se a uma prática de reciprocidade na escuta, na ativação de um pensamento dialogal, inclusivo, participativo e de partilha — com **confiança no outro**. O Documento Final é fruto desse processo.

O cuidado paciente destes dias, buscando sintonizar sensibilidades, visões, ritmos, línguas diferentes, foi visível a todos nós.

Entretanto, o trabalho cotidiano de escuta recíproca profunda — na fraternidade, nas Entidades, nos serviços e com aqueles que nos rodeiam — continua sendo o **maior desafio** (cf. primeira parte do Documento Final), com uma exortação para que se insista **concretamente** nessa dimensão tanto na formação permanente quanto na formação inicial.

Discernimento fraterno

Discernir significa **deixar-se guiar pelo Espírito**, filtrar novas opções, identificar juntos os tempos, as prioridades, os espaços de confronto.

O discernimento comunitário pressupõe a serenidade necessária para, **juntos, renunciar a algo** e decidir por aquilo que, hoje, pode fazer dos Frades Menores **sinais vivos de um dom profético**.

- É necessário evitar **a pressa e o autoritarismo**.
- Deve prevalecer a **abertura à diversidade** e a **capacidade de reconhecer as "vozes frágeis"** (n. 9).

Carisma

A palavra *carisma* é a mais recorrente no Documento:

“O carisma é um dom que nos precede e nos molda, nos renova, é o motivo de nossa vida; é para ser vivido, não apenas explicado.”

As expressões utilizadas confirmam uma definição que considero — em sua plasticidade — uma das mais aptas para descrever o traço permanente, não material, mas sempre vital de um carisma: **“fonte subterrânea de água que flui perpetuamente”**.

Um dom “escondido”, uma “raiz invisível”, que se expressa e se torna visível num modo de rezar, de se formar, de servir segundo um estilo evangélico particular; num modo de viver os relacionamentos, a fraternidade.

A identidade carismática, por natureza em constante crescimento e evolução, é o **projeto do Evangelho** que brota do carisma em seu constante diálogo com a história.

O Documento Final expressa muitos traços dessa identidade carismática e da espiritualidade que a Ordem é chamada a encarnar hoje no mundo:

- Viver a **fraternidade como profecia**;
- A **formação integral e experiencial**;
- A missão entendida não apenas como evangelização, mas como sensibilidade diante da necessidade urgente de **mostrar misericórdia aos irmãos em situações extremas**, devolvendo-lhes dignidade e conduzindo-os a Cristo.

Transformação e mudança

Vale a pena destacar que o termo *carisma* está frequentemente ligado, no Documento Final, ao conceito de **transformação**.

O Papa Francisco afirmou em 2015:

“...o carisma não se conserva guardando-o; é preciso abri-lo e deixá-lo sair, para que entre em contato com a realidade, com as pessoas, com suas inquietações e problemas. E assim, nesse encontro fecundo com a realidade, o carisma cresce, se renova, e também a realidade se transforma, se transfigura pela força espiritual que esse carisma carrega consigo.”

A palavra *transformação*, tomada neste sentido, representa um **desafio** que interpela cada irmão e irmã, cada comunidade e toda a Ordem: criar e cultivar **um espaço interior mais profundo**, nutrido pela força espiritual do carisma, que nos ajude a transformar a realidade. E isso significa: **saber mudar as respostas às situações**.

► **Mudar é mais fácil** — é um ato exterior: muitas vezes nos limitamos a isso. Mudamos os irmãos ou as irmãs da fraternidade, mudamos uma situação complexa apenas “cobrindo-a”.

Diante do medo de assumir **“novas formas de evangelização”** ou de **repensar nossas estruturas** — como se ressaltou em vários momentos do Capítulo — talvez devêssemos nos deixar provocar mais pelo **paradigma da transformação** do que pelo da mudança.

- ▶ A mudança pode nos levar a fazer o mesmo, ou fazer mais do mesmo, ou apenas realizar ajustes marginais.
- ▶ **Transformar é dar espaço ao potencial ainda não expresso do carisma.**

Comunhão / Colaboração / Corresponsabilidade

O Documento Final sublinha repetidamente a dimensão da **comunhão**, da **colaboração** e da **corresponsabilidade** entre irmãos e leigos, especialmente no seio da **própria família franciscana**.

O caminho eclesial nos lembra a importância de renovar continuamente a convicção de que *partilhar o carisma* não significa “dividi-lo” ou “distribuí-lo”, mas sim **“possuí-lo juntos”, “participar dele em conjunto”**. Não é um dom que cada um possui em sua “parte” individual — o carisma franciscano tem, em seu “DNA”, o fato de **se realizar plenamente na pluralidade de formas**.

Desde suas origens — há 800 anos — a família franciscana é, de fato, uma **“família carismática”**. Não há estudo, nem conferência sobre dimensão eclesial (como aquela que o Papa Francisco tem relançado) que não cite **o exemplo do carisma franciscano** como realidade fundante que se expressa e continua gerando vida de múltiplas formas na Igreja.

- ▶ O chamado que se destaca é o de:
- Maior **complementaridade** das identidades originadas do mesmo carisma;
- Ir além da mera **colaboração**: o Documento fala da necessidade de uma abordagem mais **participativa**, passando à **“corresponsabilidade real”**, ativando **“processos verdadeiramente compartilhados** na tomada de decisões, na formação e na convivência”;
- Dar ao **“nós”** do carisma **novas certezas**, identificando em conjunto estratégias mais criativas, capazes de garantir o futuro também por meio de uma organização mais sólida, **redefinindo redes de colaboração**.

Pessoalmente, **saboreei profundamente a comunhão vivida nestes dias**, e pensei que do céu, muitos irmãos e irmãs que nos precederam na fé também devem ter se alegrado — especialmente aqueles que, no clima pós-conciliar dos anos 1970, tiveram belíssimas intuições sobre isso. Penso nos primeiros encontros franciscanos internacionais em Assis no início dos anos 1970, no sonho do Movimento Franciscano...

Redefinir as redes de colaboração não é apenas um desejo, mas um dever que a Ordem e a Família Franciscana deveriam assumir, talvez recuperando aquele estado de “incandescência” espiritual que se acendeu nos anos após o Concílio. No entanto, também seria importante refletir sobre as causas que levaram ao **enfraquecimento daquele Movimento** — e, juntos, **não deixar de acreditar** que o caminho autêntico da comunhão é a forma mais bela de testemunhar a **comunhão eclesial**.

Hna. Chiara Codazzi

Vice-secretária do Capítulo das Esteiras 2025